

Elaborada em dez/24
Publicada em fev/25

1º
Volume

LIEGS

EM REVISTA



Conheça mais sobre o
Laboratório Interdisciplinar de
Estudos em Gestão Social
(LIEGS), que completa 18 anos
atuando na Universidade
Federal do Cariri (UFCA)



Liegs em Revista

Olivia Isidório Lopes
Capa e Diagramação

Paulo Rossi Cavalcanti Neto
Ives Romero Tavares do Nascimento
Revisão de texto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

LIEGS em revista / Universidade Federal do Cariri, Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social. - v. 1, (jan./dez. 2025). - Juazeiro do Norte- CE: UFCA, 2024.

Anual

Modo de acesso: <https://ebooks.ufca.edu.br/catalogo>

1.Gestão social. 2. Gestão social nas escolas. 3.Economia solidária.
I. Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social. II. Título.

CDD 21.ed. 361

Bibliotecária: Maria Eliziana Pereira de Sousa – CRB 15/564

Os comentários e ideias expressos pelos autores dos textos que compõem esta obra não traduzem, necessariamente, a opinião dos organizadores. Esta obra e seu conteúdo podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

Como referenciar esta revista:

ABNT

LABORATÓRIO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS EM GESTÃO SOCIAL. LIEGS em Revista. Juazeiro do Norte: PRPI/UFCA, 2025. (44p.) Disponível em: <https://ebooks.ufca.edu.br/catalogo/>

APA

Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social. (2025). LIEGS em Revista. Juazeiro do Norte: PRPI/UFCA
PRPI/UFCA. Recuperado de <https://ebooks.ufca.edu.br/catalogo/>.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI

Prof. Dr. Silvério de Paiva Freitas Júnior
Reitor

Prof. Dr. Claudener Souza Teixeira
Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Profa. Ms. Aglaíze Damasceno Levy
Pró-reitora de Cultura

Profa. Ms. Fabiana Aparecida Lazzarin Ramos
Pró-reitora de Extensão

Prof. Dr. Milton Jarbas Rodrigues Chagas
Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Jeová Torres Silva Junior
Prof. Dr. Ives Romero Tavares do Nascimento
Profa. Dra. Waléria Maria Menezes de Moraes Alencar
Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social

Apoio Institucional



Financiamento





LABORATÓRIO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS EM GESTÃO SOCIAL

Prof. Dr. Jeová Torres Silva Junior

Prof. Dr. Ives Romero Tavares do Nascimento

Profa. Dra. Waléria Maria Menezes de Moraes Alencar

Coordenação do LIEGS

Ariadne Scalfoni Rigo

Cícera Mônica da Silva Sousa Martins

Francisco Ranieri Moreira da Silva

Ives Romero Tavares do Nascimento

Jaqueline Dourado do Nascimento

Jeová Torres Silva Junior

João Martins de Oliveira Neto

Rebeca da Rocha Grangeiro

Waléria Maria Menezes de Moraes Alencar

Waleska James Sousa Félix

Wesley Guilherme Idelfoncio de Vasconcelos

Pesquisadores

Ana Kely de Assunção Silva

Arthur Antunes Fernandes de Macêdo

Cristiane Porfirio Vilar de Sousa

Diogo Inácio dos Santos

Edmilson José dos Santos Júnior

Eliel Alves Salviano

Josivan Silva Júnior

Luiz Felipe de Sousa Fideles

Maria Hellen Santana Pereira

Natália Pereira Félix

Olivia Isidorio Lopes

Pedro Henrique da Silva de Souza

Ramilis Rodrigues Chaves

Estudantes

Ana Paula Lima de Araújo

Cirlany Sousa Matos

Maria Alane Pereira de Brito

Paulo Rossi Cavalcanti Neto

Técnicos

índice

7 Carta ao leitor

Matéria

8 O LIEGS nas escolas do Cariri

Conheça um pouco da história do projeto Gestão Social nas Escolas.

11 Cordel

LIEGS Em Verso: A arte da gestão social

14 Pensata

Somos Todos Construtores de Pontes

LIEGS Indica

17 Atos que Transformam: Um olhar sobre o filme: Escritores da Liberdade

Matéria

19 Entre Dois Mundos: O encontro entre a universidade e a escola

LIEGS Indica

23 “Economia Solidária versus Economia Capitalista”

Depoimento

24 Um pouco de mim na construção do “NOS”: O projeto Gestão Social nas Escolas

Ensaio

29 Por que ainda continuar pesquisando?

Entrevista

34 LIEGS entrevista: Jeová Torres

42 Biografias

Carta ao leitor

A Universidade Pública transforma. E talvez esta afirmação não seja suficiente para declarar tudo aquilo que essa instituição pode promover. Mais que a oferta de aulas ou a emissão de um diploma ao final de um curso que nos habilita ao mundo do trabalho, o que ela - a Universidade Pública brasileira - realmente possibilita é nos fazer mais humanos: encontramos outras pessoas, passamos a compartilhar condutas e códigos de comportamento da vida social e da cultura comum, e temos a oportunidade de viver num ambiente de desenvolvimento cognitivo, intelectual, moral, ético e republicano. Em um mundo que pode parecer ser sempre individualista, a universidade é encontro e partilha. A Pesquisa, a Extensão, o Ensino e a Cultura, os eixos que norteiam a Universidade Federal do Cariri (UFCA) são, sempre, construções coletivas que nos lembram que não estamos sozinhos.

O Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS), um dos núcleos de conhecimento de nossa UFCA, surgiu assim também: coletivo. Como um sonho que se sonha junto, tem desenvolvido, há 18 anos, ações e projetos que têm mudado a vida de muitas pessoas e impulsionado-as para o melhor lugar de vida, trabalho e bem-viver que pode contribuir. Mais que isso: tem chegado a novos espaço de estudo, trabalho, conhecimento e saberes plurais, levando a UFCA consigo e entendendo que a Universidade só tem sentido justamente quando se abre e expande seus horizontes à comunidade na qual está inserida. Quando abraça não só sua comunidade acadêmica, mas também toda a região do Cariri cearense.

Em 18 anos de atividades, o LIEGS fez muito ensino, extensão, pesquisa e cultura com todos que por ele passaram e hoje faz com aqueles que ficaram. Muito conhecimento tem sido construído e compartilhado entre nós, mas queremos mais: que todos esses saberes sejam difundidos para todos que podem deles aproveitar para crescer e se desenvolver.

E com esse propósito, pensamos nesta LIEGS em Revista.

Nesta primeira edição, você terá o prazer, caro leitor, de desvendar e descobrir um pouco do que o LIEGS tem feito. As matérias de destaque narram um pouco sobre a ida do Laboratório às escolas por meio de ações como o Projeto Gestão Social nas Escolas, o GSE. Também vai encontrar textos ensaísticos que discutem, por exemplo, a ainda atual importância da pesquisa para a formação de pessoas e cidadãos. Também poderá ler uma entrevista com o professor Jeová Torres, idealizador e fundador do LIEGS, que resgata aspectos importantes do contexto de criação desse grupo. Em adição a prosa dá licença à poesia, que se faz nesta Revista em versos de um belo cordel sobre a arte da gestão social. Por fim, são feitas muitas indicações de leitura e de cinema, apresentação de memórias, depoimentos e relatos de quem fez e quem faz parte do LIEGS.

Esperamos não parar neste número inaugural! Começamos 2025 na marca do início de um novo ciclo.

O LIEGS NAS ESCOLAS DO CARIRI

Amanda Arrais e Adrieli Targino

Um projeto todo pensado para jovens darem seus primeiros passos na gestão social e desenvolverem o protagonismo juvenil. Conheça um pouco da história do projeto Gestão Social nas escolas.

“E se você conseguisse mudar o mundo?” Essa era uma das perguntas feitas pelo Projeto Gestão Social nas Escolas. O PGSE foi pensado e criado em 2010, pelos professores Jeová Torres e Waléria Menezes, pensado e voltado para trabalhar o conceito e as ideias de gestão social com jovens adolescentes do ensino público.

Os princípios objetivos do projeto eram diálogo, participação e adesão voluntária. A equipe era composta por quase 20 pessoas, entre eles estagiários de psicologia. O projeto contemplava três escolas em Juazeiro do Norte: Caic, Conserva Feitosa e José Bezerra. A ideia do grupo era que os jovens aprendessem a trabalhar em conjunto. “A gente precisava fazer com que cada sala, cada turma de primeiro ano do ensino médio, eles pudessem perceber que eles tinham um objetivo comum. Foi quando a gente começou a trabalhar com cada turma assim, reconstruindo vínculos”, explica a professora Waléria.

As estratégias metodológicas se baseavam em maneiras eficazes de chamar a atenção e gerar curiosidade nos estudantes. Uma série de atividades foram propostas aos alunos com a intenção

de criar um vínculo aluno-comunidade-bairro. Surgiu, então, o Muro das Lamentações e Árvore dos Sonhos. O muro das lamentações era uma série de perguntas como “O que te incomoda no caminho da escola para casa? O que me incomoda aqui?”. O propósito dos questionamentos era achar algo em comum nos estudantes. A maioria das respostas era voltada para o meio ambiente, as respostas em comum eram lixo, doenças, muitas moscas e falta de saneamento.

“O que te incomoda no caminho da escola para casa? O que me incomoda aqui?”

A Árvore dos Sonhos estava voltada para sonhos pessoais e buscava soluções para problemas do meio. As escolas se juntaram com o projeto de

modo que houvesse uma relação nos conteúdos para que as discussões permanecessem, desperdassem o cuidado com a comunidade e não ficassem só durante a duração das oficinas. Quando os alunos traziam o problema do lixo, por exemplo, a discussão ia para o lado da geografia.

Outra atividade desenvolvida durante o projeto foi um Mapeamento de Talentos. Essa atividade, diferente das demais, que eram desenvolvidas com as turmas de primeiro ano do ensino médio, mobilizou toda a escola em formato de feira de ciências.



Foto: Acervo do projeto

LIEGS em verso: A arte da Gestão Social

Hoje apresento, nesse momento especial,
Um Laboratório do Cariri, Interdisciplinar,
Que estuda de maneira exemplar,
A prática da Gestão Social,
Numa região pequena, um local sem igual.
Erguendo a comunidade, com visão consciente,
Mostrar que o Sertão e o Cariri é da gente,
Uma oportunidade através da ciência,
De retratar a realidade com competência,
E tornar a universidade presente.

O Liegs é Pesquisa e Extensão,
Ferramenta de difusão do conhecimento,
Tendo o rigor científico como fundamento,
Enxergar a Gestão social como dimensão,
Unindo Capital Social e mecanismos de regulação,
Para edificar o conceito de Gestão Social,
E auxiliar na formação intelectual,
De um povo que já detém muito saber,
Que o Liegs procura conhecer e aprender,
Indo na contramão do aprendizado unilateral.

Ramilis Rodrigues Chaves
Maria Hellen Santana Pereira
Luiz Felipe de Sousa Fideles
João Antônio Rodrigues Pereira

Ele nasceu, símeis com a Universidade,
Já pensando no Desenvolvimento territorial.
Maneiras de Rever o planejamento espacial.
Unir a Faculdade, cidade e Sociedade,
Sempre considerando a sua diversidade,
Indo contra um modelo individualista,
Que mantém uma comunidade egoísta,
Prezando pelo ideal de coletividade,
Que é legal fazer uso da solidariedade,
O Liegs surge com o viés vanguardista.

Ser bolsista do Liegs é uma missão surreal.
É incrível aprender com diversos profissionais,
Das áreas mais diversas e inter-relacionais,
Unidos por um propósito, de importância sem igual,
A implementação efetiva da gestão social.
Trabalhando juntos, difundindo informação,
Buscando melhorar, a realidade da região,
Desenvolvendo projetos, abrilhantando o Cariri,
Incentivando e exaltando o povo que mora aqui,
Aproximando realidades na pesquisa e extensão.



O Laboratório é um espaço proveitoso
Para o desenvolvimento profissional
Estudantes podem aprimorar, todo seu potencial
E lapidar o saber, num ambiente amistoso
Professores conduzindo, pro resultado exitoso
Guiando e orientando, incentivando a produção
Sempre trabalhando, almejando a publicação
Discutindo gestão social, de modo diversificado
De maneira criativa, o conhecimento abordado
Com o propósito de informar através da difusão.

Nesse espaço coletivo, protagonismo é essencial,
Estudantes a contribuir, com criatividade,
Propondo ideias que transformam a comunidade.
Autonomia e liderança fazem parte do ritual.
Na construção de um futuro, priorizando o social,
Gestão interdisciplinar, valorizando os saberes,
Exaltando o conhecimento plural e todos os seus dizeres.
O saber floresce com vigor e naturalidade,
Fortalecendo a união e a coletividade,
Educação a se expandir em todos os seus fazeres.

Os desafios existem, precisa se preparar
Não há para onde correr, é impossível evitá-los,
Contudo pode-se pensar em maneiras de superá-los
Por isso é muito importante não esquecer de planejar
Ainda assim no caminho muitos percalços vá encontrar,
Seja na pesquisa, a dificuldade de acesso a dados
Seja em oficinas e palestras o alcance de resultados
Mantendo a tranquilidade é possível resolver
Lembrando sempre da frase: conhecimento é poder
Os objetivos iniciais poderão ser alcançados.

A diferença só existe no âmbito conceitual
No Liegs é tudo junto, ninguém fica isolado
Pesquisa e extensão andam sempre lado a lado
As duas se complementam, uma dupla sem igual
Sempre com o mesmo propósito, tratar de gestão social
Pensar de forma coletiva ideias de melhoria
Tendo justiça e equidade, para viver em harmonia
Abordando esses temas na pesquisa e extensão
Não podendo esquecer a pesquisa em descentralização
Independente da atividade prevalece a parceria.

C
O
R
D
E
L

Liegs também é cultura, da cidade ao sertão,
Incentiva relações pela economia solidária,
Nas comunidades onde a ação é necessária,
Dialogando com lideranças de cada região.
Trabalhando para integrar toda a população,
Entre linhas e serras, desvenda a ciência,
Levando em consideração cada vivência,
Buscando pensar num processo horizontal,
Com o intuito de valorizar a cultura local.
Preservando e cultivando a nossa essência.

Nos grupos de estudo, trabalhamos em união,
Projetos diversos, opiniões a compartilhar,
Textos e pesquisas, saberes a ampliar,
Cada um contribuindo, com dedicação.
O Liegs se destaca em cada ação,
Ampliando o conhecimento geral,
Crescimento intelectual é fundamental
Unindo teoria e prática no dia a dia,
Lutando em prol da democracia
Para o desenvolvimento social.

Oportunidades desde o ensino médio são ofertadas,
Para ingressar na pesquisa e ciência,
Bolsas que proporcionam nova experiência,
Fazer com que as escolas sintam-se abraçadas,
Parcerias institucionais sendo firmadas,
Para o crescimento e a diversidade de visão,
Projetos com perspectivas para Inovação,
Apoio e incentivo para jovens de talento,
Criando laços e promovendo o crescimento,
A UFCA como espaço de transformação.

Na educação, plantamos a semente,
De um saber que floresce no sertão,
Com garra, força e dedicação,
Tornando a gestão social presente
Escrevemos uma história ascendente,
O Liegs se torna um condutor,
Trazendo à tona a voz do interior,
A participação popular é fonte de energia
Incentivando o povo a possuir autonomia

Para a construção de um futuro promissor.

Somos todos construtores de pontes

Ives Romero Tavares do Nascimento

João Antônio Rodrigues Pereira

Foto: Divulgação

Numa releitura do livro “O Construtor de Pontes”, de Markus Zusak (Ed. Intrínseca, 2018), chegam as reflexões sobre como as relações humanas podem ser metaforicamente compreendidas sob o olhar da construção de pontes entre as pessoas que parecem estar, inicialmente, muito distantes entre si. De modo análogo, a atuação profissional na educação de pessoas também poderia estar nessa mesma dinâmica quando se olha para toda a jornada humana nesse processo.

Hoje, no Brasil, mantém-se a lógica de divisão do ensino em diferentes níveis: desde o maternal e infantil, que passa pelo fundamental, médio e conclui-se, para alguns, no superior. E na passagem entre essas ‘etapas’, para certas pessoas a percepção de interrupção ou ‘quebra’, como alguns indicam haver, perde-se a noção da continuidade das práticas e das intenções que sustentam os conteúdos e saberes construídos.

O que queremos argumentar é um assunto em muito debatido por interessados em formação de pessoas acerca da forma como nós conduzimos essa passagem entre os diferentes níveis de ensino. Em especial, destacamos que há uma percebida falta de ‘lógica’ entre o nível médio e o superior, que sabidamente é admitido como aquele que inicia o momento da importante decisão social: como melhor escolher a formação profissional para o mundo do trabalho?

Nessa rota, parecem haver desniveladas condições: quem sabe melhor o que quer, mais bem tomada será a decisão por qual curso de graduação (licenciatura, bacharelado e/ou tecnologia) se candidatar a integralizar. E, neste ponto, chega-se a um assunto que trazemos e que não é novidade para quem já atua no ensino de nível superior: como contribuir para melhores processos de tomada de decisão sobre as escolhas de entrada na universidade?

Este ponto, admitimos, não é novo e tem sido objeto de muita discussão e prática ao longo dos anos. Não seria nenhuma novidade trazê-lo neste debate. Contudo, nesta revista trazemos as contribuições que a própria ação integradora do LIEGS nos proporciona fazer. Ainda mais, continuamos a identificar que na leitura corrente de obras não-didáticas notamos como não se dissocia a ação que temos feito cotidianamente em nosso Laboratório que se coloca como ‘ponte’ entre nós e as pessoas que potencialmente virão a pertencer ao nosso grupo: as iniciativas integradoras entre os níveis médio e superior por meio das ações de pesquisa.

Nos anos de 2023 e 2024, muitas iniciativas do LEGS têm sido destinadas ao ensino médio no Cariri cearense. Essa decisão de atuar entre níveis acompanha as práticas do Laboratório há alguns anos. Há uma década, pelo menos, o LIEGS desenvolve um conjunto de ações de extensão intituladas Projeto Gestão Social nas Escolas, o GSE, que tem como foco promover ações de desenvolvimento e protagonismo juvenil. Para além das objetividades diretas, expressadas pelos resultados concretos de ações integradoras, o GSE envolve os participantes com a

universidade e os faz ter interesse em continuar os estudos no nível superior.

Uma das frases mais ouvidas quando atuamos com o público do ensino médio é

“eu não sabia que a universidade também é para mim”.

Particularmente, isso soa como “eu não tenho pontes para chegar ao outro lado desse fosso entre o nível de ensino em que estou e aquele no qual eu poderia estar”. Assim, o que fizemos neste último ano foi levantarmos as vigas e os acessos de outras pontes.

Dessa forma foi construída a proposta de realizarmos um conjunto de ações de pesquisa com bolsa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq, via Universidade Federal do Cariri, a UFCA – a quem a ambos agradecemos – para que um aluno de ensino médio pudesse atuar num projeto de pesquisa, de modo remunerado e já integrado às ações que o Liegs desenvolve no seio de nossa instituição de ensino superior.

Na passagem, propusemos três pilares para a ponte em construção.



A primeira delas foi a integração remunerada ao participante, uma vez que a chegada à universidade por meio de um vínculo formal e com bolsa adquire o status de pertencimento ao mesmo lugar que os demais bolsistas de pesquisa, extensão, ensino e cultura do LIEGS. Não se olha para o valor remuneratório, mas à sensação de chegada ao mesmo lugar



A segunda pilastra foi a dedicação do bolsista de ensino médio aos estudos sobre ciência e pesquisa dentro da sua carga horária de completude da bolsa. Para nós, bastou não somente a formalização do vínculo, mas ainda a intenção de colocar todos em igual nível de compreensão sobre os saberes fundantes da pesquisa proposta e em execução. Isso é ter respeito pelas diferentes jornadas de formação de cada um dos integrantes do grupo.



E a terceira coluna de sustentação da ponte que intencionamos construir foi a da compreensão de que as bolsas de iniciação científica no ensino médio, conhecidas como PIBIC EM, se montam em relações amistosas e de participação completa nas iniciativas de todo o grupo, como é o caso da elaboração deste texto.

Em um ano de atividades, temos tido a certeza de que a bolsa de iniciação científica destinada a alunos do nível médio de educação é uma grande oportunidade de interação e troca de saberes entre alunos e professores em todas as esferas do saber. O piso da nossa ponte tem se solidificado nas pilastras edificadas quando os estudantes têm o real (e em alguns casos) primeiro contato com a universidade, e passam a saber que ela existe, a entender como funciona o nível superior e o incentivo dado a eleger qual curso superior deseja seguir.

E também como é muito comum, ainda se percebem muitos desafios a essa ação: acima de tudo, fazer necessária e acertada a escolha pela continuidade dos estudos na universidade. Todavia, a experiência do Liegs tem se colocado como

motivadora para a continuidade de ações como esta que aqui ‘pensamos’ junto com nosso leitor. Em um ano, as três pilastras que sustentam a passagem humana pela educação estão cada vez mais firmes quando se percebe o grau de envolvimento e desenvolvimento intelectual e social das pessoas que atuam nas bolsas de PIBIC Ensino Médio. Os resultados claramente podem ser medidos em 12 meses, como a execução de tarefas previsíveis, mas os ganhos para a sociedade são sempre intangíveis, mas positivos; e de longo e duradouro prazo. Há de sempre se continuar a propor tais iniciativas.

Como diria Zusak (2018), essa nossa ponte entre o ensino médio e o superior estará sempre em construção.

Referência:
SUZAK, Markus. O Construtor de Pontes. Trad. Stephanie Fernandes e Thais Paiva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.



Atos que transformam: um olhar sobre o filme Escritores da Liberdade

Olivia Isidório

Uma jovem professora, recém-formada, se encontra em uma sala de aula de escola pública do subúrbio estadunidense com alunos de ensino médio que, entre tantos desafios de sobrevivência, a última preocupação seria manter os estudos. Na turma 203, os próprios adolescentes criam pequenos grupos de acordo com suas origens, não havendo união entre as “panelinhas”, construindo um ambiente de constante tensão, desmotivador e sem nenhum estímulo de aprendizado. Angustiante, não é mesmo? É nesse contexto que se passa o longa-metragem “Escritores da Liberdade”.

Baseado em fatos reais do livro best-seller *The Freedom Writers Diaries*, o filme narra a história da jovem Erin Gruwell, que em 1994, na Califórnia, entusiasmada, começa sua carreira como professora de literatura do ensino médio em um colégio de periferia, entretanto, é impactada com a rejeição da sua imagem na sala de aula, com a dificuldade de interação e comunicação com os seus alunos, além de observar a falta de coletividade entre os mesmos.

Assim, Gruwell, ciente do desafio, procura por alternativas de ensino além do convencional em busca de entender, conduzir e acolher esses adolescentes que não obtinham uma rede de apoio familiar estável nem assistência significativa do sistema escolar. Por meio de conversas, dinâmicas e poesias, a professora tenta, mesmo sem êxito, conquistar o interesse e a confiança dos jovens, que por diversas vezes a ignoram e explicam com ímpeto as desigualdades raciais entre ela e eles e revelam uma percepção de que o colégio não agrega em nada nas suas vidas por estarem mais preocupados em sobreviver a conflitos de gangues, invasões policiais e injúrias raciais.

Durante certa discussão em classe, Gruwell compara uma piada ofensiva cometida por um colega com os meios de divulgação nazista utilizados na Segunda Guerra Mundial, com o intuito de uma reflexão sobre seus comportamentos e resultados. Foi assim o primeiro passo para uma grande mudança na vida desses jovens, que mesmo alunos do ensino médio, não conheciam esse grande marco histórico que foi a Segunda Guerra Mundial.

Erin, ao se deparar com essa situação, dedicou-se com perseverança a entender a realidade e o contexto social no qual esses adolescentes estavam inseridos, compreendendo as diferenças de realidade e buscando meios de ensino que pudessem contribuir significativamente no futuro dessa sala de aula. Com a ideia da escrita de um diário individual como avaliação, essa turbulenta relação toma um novo rumo para o caminho do sucesso.

Essa emocionante narrativa comove, intriga, e faz o convite para questionar-se sobre a impor-

tância e o papel da educação na construção da identidade individual e social, de entender que o

seu repertório de vida e o que fazer com ele pode mudar sua realidade e o seu futuro. O drama, dirigido por Richard LaGravenese, aborda a aprendizagem escolar como um processo único de cada um, mostrando como a educação precisa ser ampla, que ela não está limitada apenas à sala de aula, além de outros sistemas como o social, cultural e econômico serem fatores tão importantes quanto a educação no processo de construção de uma identidade, o que rompe a ideia

de que o ensino por si só é o fator determinante de um futuro acadêmico.

Escritores da Liberdade é um filme para lá de comovente, são duas horas que despertam sensações de angústia, empatia e admiração. É de se emocionar ao ver todo o esforço e persistência da professora ao bater de frente com a direção escolar sempre que seus pedidos de suporte eram negados e tendo que recorrer a superiores políticos, ou até mesmo na responsabilidade que

agarrrou para si de conseguir mais empregos e assim obter renda e fornecer livros e aulas em campo à sua turma.

“O filme aflora nossa empatia e mergulhamos nas vidas dos personagens”

O filme aflora nossa empatia e mergulhamos nas vidas dos personagens, trazendo uma outra perspectiva de realidade, que de fato são vivências reais, entendendo a mudança como algo de dentro para fora e que é preciso se permitir e confiar em si. A educação recebe um novo olhar, é uma prática essencial no processo de socialização, entendendo que não é simples e que nós, como seres em coletivo, temos nossa parcela de responsabilidade nesse processo, tanto para si mesmo como para o outro.

Foto: Divulgação



Entre Dois Mundos: O encontro entre a Universidade e a Escola

Ives Romero Tavares do Nascimento
Luiz Felipe de Sousa Fideles



Foto: Acervo do projeto

Quem de longe vê, pode pensar que a Universidade e Escola estão em Mundos distintos, até mesmo galáxias, entretanto o que observamos atualmente é que são como vizinhas que compartilham vivências, histórias e principalmente conhecimento. Isso fica claro com a Oficina realizada na Escola de Ensino em Tempo Integral Antônio Mota, no município de Antonina do Norte, Ceará, no dia 12 de Março de 2024. Essa ação integra o projeto “O Liegs/UFCA nas mídias: Divulgando conhecimento a partir de uma pesquisa sobre descentralização”, que tem por objetivo principal disseminar as ações do laboratório, furando a rígida bolha da academia, inserindo a sociedade dentro do fazer ciência.

A Oficina teve como premissa introduzir os estudantes da escola à pesquisa científica. Foi ministrada pelo coordenador do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS) Ives Romero Tavares do Nascimento, em conjunto com os bolsistas

Felipe Fideles, Hellen Santana, Ramilis Chaves, João Antônio Pereira e Pedro Henrique Souza. A ação foi pensada para as turmas do terceiro ano, considerando o momento de transição que os estudantes têm passado, sendo realizada em dois momentos distintos de aproximadamente uma

hora cada, com turmas diferentes. A atividade é um exemplo empírico de conexão entre o espaço universitário e o ensino médio público, mostrando que o que antes parecia separado por enormes barreiras, agora é unido por uma ponte que se sustenta por pilares baseados na extensão, troca de saberes e na consolidação de canais de escuta ativa e participação.

Nesse viés, foi pensado uma ação formativa sobre ciência e pesquisa, com o intuito de criar elos e fortalecer a parceria institucional entre a escola e universidade, ao passo que sensibiliza as turmas para o interesse em integrar ações que se relacionam à pesquisa científica. Desse modo, levar a Universidade Federal do Cariri (UFCA) para uma escola situada nas margens do Cariri é um ato simbólico, que apresenta a universidade como uma oportunidade pal-

**“a universidade
não pode ser uma
ilha isolada”**

pável e induz os estudantes a considerar o Ensino Superior como trajetória a ser percorrida, aplicando então os estudos de Paulo Freire que cita

que “a universidade não pode ser uma ilha isolada. Ela deve ser um ponto de conexão entre o conhecimento acadêmico e as práticas educativas locais, promovendo a inclusão e a transformação social”.



A INSERÇÃO DA UNIVERSIDADE NA ESCOLA

O Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social tem se inserido no contexto da escola por diversas ações, dentre elas, o Projeto Gestão Social nas Escolas, que tem sido um projeto de extensão de sucesso, se destacando como uma iniciativa inovadora que realiza ações e atividades em escolas de ensino médio da rede pública de Juazeiro do Norte – CE e cidades vizinhas.

Com uma metodologia que integra atividades lúdicas, vivências educativas e rodas de conversa, o projeto se empenha em desenvolver a autonomia e o protagonismo dos alunos envolvidos. Em 2015, o PGSE promoveu uma importante integração entre a Universidade Federal do Cariri (UFCA) e as escolas participantes: a ação intitulada “Conhecendo a UFCA” envolveu a realização de workshops ministrados por graduandos da universidade, onde os alunos do ensino médio puderam conhecer os cursos oferecidos e se familiarizaram com o ambiente acadêmico.

Essa abordagem abriu novas perspectivas para os estudantes, incentivando a busca pelo ensino superior e o crescimento pessoal. Além de fortalecer o vínculo entre a academia e a comunidade escolar, o PGSE também se dedica à produção científica.

O projeto tem como objetivo promover o protagonismo juvenil em políticas públicas e sociais, dentro de um processo pedagógico que visa a autonomia e a cidadania ativa. A escola, vista como um locus essencial de aprendizagem e formação de novos profissionais, e a perspectiva de extensão universitária são um pilar fundamental do PGSE, que busca transcender os limites da formação acadêmica tradicional. Ao fomentar a integração com a comunidade, o programa contribui para a propagação do conhecimento e para o desenvolvimento social, promovendo uma educação mais inclusiva, participativa e transformadora.



Fotos: Acervo do projeto

No tocante a contemporaneidade, a aproximação entre a universidade e as instituições de ensino médio é fundamental para os estudantes que muitas vezes não tem perspectiva de futuro ou melhoria de vida. Essa aproximação mostra a possibilidade de acolhimento e fortalece as visões que muitos estudantes têm ao ver a universidade como uma realidade distante. Neste sentido, a Pró Reitoria de Graduação através da Coordenadoria Para o Fortalecimento da Qualidade de Ensino tem realizado, em parceria com estudantes, núcleos de conhecimentos e importantes ações referente à oficinas e stands divulgando os cursos de graduação, a forma de ingresso e a importância da universidade pública, gratuita e de qualidade.

Ao integrar a universidade à escola, estamos construindo uma educação mais conectada e significativa,

que beneficia tanto os estudantes do ensino básico e médio quanto os acadêmicos. Essa articulação proporciona uma série de vantagens que merecem destaque.

Primeiramente, a interação gerada pela troca de saberes é um dos principais benefícios. A presença de universitários e professores em escolas possibilita um intercâmbio enriquecedor de conhecimentos, promovendo a formação do pensamento crítico, abordando temas relevantes, despertando nos estudantes o interesse pela pesquisa e pelo conhecimento, além de proporcionar uma compreensão ampla sobre a vida acadêmica. Os alunos aprendem sobre os caminhos possíveis para ingressar no ensino superior e como se preparar para essa etapa, o que pode contribuir para a redução da evasão escolar e o aumento da taxa de matrícula nas universidades.



Foto: Acervo do projeto

A integração universidade-escola permite, ainda, a realização de atividades que abordam questões sociais, ambientais e políticas, estimulando nos alunos um olhar mais crítico e a atuação ativa em suas comunidades. A universidade atualmente leva seus cursos às feiras promovidas nas escolas dos municípios do Cariri, ligadas às Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação (CREDEs) 16, 18, 19 e 20, cumprindo com sua responsabilidade de disseminar o conhecimento para a comunidade em geral no tocante ao Ensino Médio. Esse esforço envolve a preparação de grupos para atuar nas escolas, onde apresentam seus projetos e comunicam os benefícios da vida acadêmica, destacando as atividades, projetos e auxílios disponíveis para os estudantes.



Na oficina realizada na escola Antonio Mota, cujo objetivo foi apresentar o amplo universo do ensino superior, da pesquisa e da ciência para os estudantes daquela instituição, surge a oportunidade de ouvir o aluno João Antônio Rodrigues Pereira, mutuamente inserido nos dois ambientes. Através de uma breve entrevista, ele pode relatar a sua experiência enquanto estudante, que ainda no ensino médio conseguiu adentrar o ambiente da pesquisa, através de uma bolsa de Iniciação Científica para ensino médio (PIBIC EM). Assim, conseguiu conhecer e adentrar o ambiente da universidade, o que resultou no fortalecimento do seu interesse em adentrar no ensino superior, visando a UFCA como uma das principais opções, por experienciar a qualidade do ensino e pesquisa na instituição por meio do LIEGS. Além disso, Antônio revela que o momento foi muito importante para que ele pudesse partilhar com seus colegas um pouco do aprendizado adquirido ao longo da trajetória enquanto bolsista PIBIC EM,

pois foi capaz de despertar nele a curiosidade em conhecer melhor a pesquisa científica e o ensino superior.

A oficina realizada na Escola de Ensino em Tempo Integral Antônio Mota foi extremamente proveitosa, destacando a importância da presença da universidade no ensino médio. Essa iniciativa não apenas criou uma conexão sólida entre a academia e a educação básica, mas também mostrou que a universidade é uma oportunidade real e acessível. A participação ativa da Universidade Federal do Cariri (UFCA) nas escolas do Cariri cearense reafirma o compromisso com a disseminação do conhecimento e a transformação social. Com ações como essa, há o desenvolvimento de novos projetos e atividades, fortalecendo a parceria entre a universidade e a comunidade escolar.

O objetivo do LIEGS é seguir construindo elos que promovam uma educação de qualidade,

incentivando o protagonismo estudantil e a formação de cidadãos críticos e engajados.

“Economia Solidária versus Economia Capitalista”

Arthur Antunes

Foto: Divulgação

No texto “Economia Solidária versus Economia Capitalista”, Paul Singer apresenta uma análise das dinâmicas entre a economia solidária e o sistema capitalista, destacando a importância da solidariedade como uma ferramenta para aqueles que não possuem capital. Singer argumenta que, no capitalismo, a posse de capital é um fator determinante para a competição, permitindo que os proprietários não apenas utilizem seus recursos, mas também obtenham crédito para expandir seus negócios. Em contrapartida, aqueles que não têm acesso a esses recursos financeiros dependem da solidariedade para competir em um ambiente que, muitas vezes, os marginaliza.

O autor enfatiza que a economia solidária deve se adaptar e crescer para ser competitiva no mercado capitalista. Ele sugere que as cooperativas e associações precisam atingir um tamanho que lhes permita não apenas resgatar seus membros da pobreza, mas também acumular recursos que possibilitem a criação de novas fontes de trabalho e renda. A solidariedade, segundo Singer, deve ser a base para a conglomeração entre cooperativas, facilitando a união e a cooperação entre elas, o que contrasta com a lógica competitiva do capitalismo.

Singer também discute a dualidade entre competição e cooperação nas relações de trabalho, observando que, em diferentes contextos, os indivíduos são levados a adotar posturas competitivas ou cooperativas. Ele aponta que, frequentemente, as atitudes competitivas prevalecem, mesmo quando a situação exige colaboração, o que pode levar a comportamentos antiéticos, como a traição entre colegas de trabalho.

Por fim, o autor ilustra a eficácia da economia solidária com exemplos práticos, como o caso de uma cooperativa que, diante de um erro de um membro, optou pela solidariedade e pela reconstrução em vez da exclusão. Essa narrativa exemplifica como a solidariedade pode transformar conflitos em oportunidades de aprendizado e crescimento coletivo.

Em suma, Paul Singer oferece uma reflexão profunda sobre a necessidade de equilibrar a competição e a solidariedade em uma sociedade que, muitas vezes, prioriza o individualismo. O texto é um convite à reflexão sobre como a economia solidária pode não apenas coexistir, mas também prosperar dentro do sistema capitalista, promovendo um modelo mais justo e inclusivo.

SINGER, Paul. Economia solidária versus economia capitalista. *Sociedade e Estado*, v. 16, n. 1-2, p. 100-112, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/se/v16n1-2/v16n1-2a05.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

Um pouco de mim na construção do “NOS”: O Projeto Gestao Social nas Escolas

Waléria Menezes de M. Alencar

Oi gente, eu sou Waleria Menezes Alencar, e vou falar um pouco para vocês sobre o Projeto Gestão Social nas Escolas, uma ação de extensão do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em gestão Social / LIEGS, que iniciou ainda no ano de 2010. Mas para falar do GSE, preciso contar um pouquinho da minha história, vocês vêm comigo?

Bom, sou psicóloga formada há 23 anos, e no meu período de formação, a psicologia era prioritariamente clínica psicanalítica, desde aquela época havia uma sentença sobre a subjetividade humana: “Só Freud explica...” Apesar da psicanálise ser a minha abordagem de estudo, isso nunca me convenceu, me recusava a ter uma visão convergente sobre algo tão complexo e plural como a subjetividade. Isso me levou a dialogar com as ciências sociais, a sociologia, a antropologia, que me anunciavam respostas bastante empolgantes que complementavam os estudos da psicanálise. Foi assim que fiz o meu próprio percurso de formação que resultou em uma psicóloga social comunitária, mestre em gestão de políticas públicas. Foi assim que cheguei na cidade de Juazeiro no ano de 2004, e em 2006 me tornei professora do curso de Psicologia.

Em 2007 participei do I Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social. Foi a primeira vez que ouvi falar sobre esse conceito, e me chamou muita atenção por ver tantas semelhanças com o que a psicologia social comunitária fazia. Afinal, ambas tratavam sobre o fomento da autonomia de grupos em comunidades. Foi a partir dessa constatação que decidi saber do que se tratava esse conceito. Conheci os textos do Prof. Fernando Tenorio, Prof. Genauto França Filho e conheci pessoalmente o prof. Jeová Torres que me fez um convite: “gostaria de tratar sobre o tema da gestão social com jovens de escolas públicas?” Aquele foi o convite para uma das melhores aventuras da minha vida. A partir dali a minha cabeça entrou em ebulição. Como fazer que jovens de escolas públicas vivenciem os princípios da gestão social?

Desde então, me integrei ao Laboratório Interdisciplinar de estudos em gestão social - LIEGS. Desde o seu surgimento, o LIEGS anunciou os princípios da cidadania e democracia deliberativa em suas ações de extensão/pesquisa. Gostaria de destacar a inovação como parte constituinte do LIEGS, quando o seu idealizador, professor Jeová Torres, decidiu inserir o caráter interdisciplinar como característica que o diferenciaria.

De fato, a interdisciplinaridade é o reconhecimento da necessidade do diálogo de diversas áreas com a finalidade de intervir na complexidade das questões sociais. Assim, mesmo o laboratório tendo sido originado dentro do curso de administração, sempre houve o reconhecimento da necessidade de outros saberes, como a psicologia, biblioteconomia, design, jornalismo, administração pública, jornalismo. Desse modo, o “I” do Liegs indicava não apenas interdisciplinaridade, mas inovação social, por permitir a troca de saberes, técnicas para criar estratégias para alcançar um objetivo comum.

Buscar a inovação social sempre foi uma condição de atuação do LIEGS, haja vista o grande desafio da gestão social: construir espaços dialógicos, onde as pessoas pudessem decidir em favor do bem comum. Assim, não haveria outra forma de alcançar o objetivo da gestão social se não fosse por meio da Inovação social. Foi assim que começou a

troca de saberes e técnicas. Eu, enquanto psicóloga sócio comunitária construí uma proposta juntamente a outros profissionais, e trouxe a técnica do trabalho com grupos como forma de desenvolver habilidades como uso adequado da fala, negociação de conflitos, participação nos processos decisórios.

Desde 2010, o PGSE passou por diversos formatos, mas em todos havia o objetivo de fomentar a prática dos princípios da gestão social, como relações dialógicas, entendimento mútuo e decisão em favor do bem comum. Para alcançarmos esse objetivo partíamos do fortalecimento dos vínculos sociais entre os jovens e

com a comunidade. Esse era um longo processo que demandava da equipe um trabalho minucioso de diagnóstico, planejamento, intervenção e avaliação de cada etapa. Bem, mas o objetivo aqui, não é entrar no detalhamento metodológico, mas sim, compartilhar um pouco dessa trajetória que traz o encontro de áreas disciplinares importantes como administração, psicologia social comunitária, gestão pública e gestão social e que completa quatorze anos neste ano.

A primeira versão aconteceu em três escolas públicas em Juazeiro, antes de iniciarmos as ações,

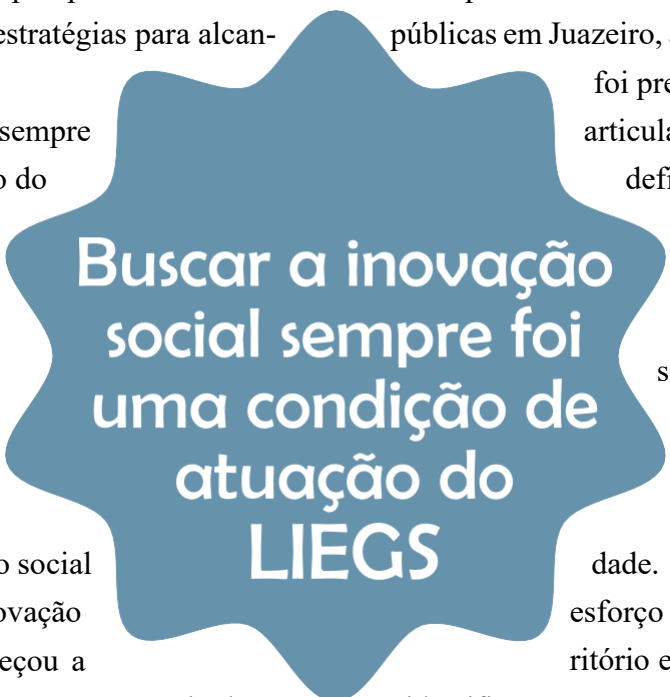
foi preciso um período anterior de articulação com a CREDE 19, para definição dos locais e formação

com os professores sobre Gestão Social. Chegamos nas escolas no primeiro semestre de 2011, nosso principal objetivo era fortalecer os vínculos sociais, entre os jovens e com a sua comunidade.


Para isso, era preciso o esforço de olhar para dentro do território e para eles mesmos para que

identificassem não apenas problemas comuns, mas sobretudo potencialidades para resolução de um problema comum.

Esse foi nosso ponto de partida, e durante três anos utilizamos a estratégia de grupos operativos, jogos colaborativos para desenvolver habilidades próprias da gestão social, como dialogicidade, entendimento mútuo para o bem comum. Os estudantes relataram sobre a superação da timidez, maior flexibilidade para ouvir opiniões diferentes, além do fortalecimento do projeto de vida vinculado à continuidade dos estudos na universidade.



**Buscar a inovação
social sempre foi
uma condição de
atuação do
LIEGS**



No ano de 2014, foi realizada a segunda edição do Projeto Gestão Social nas Escolas, dessa vez com a parceria da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, a partir do projeto Geração da Paz e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Foram atendidas escolas no município de Fortaleza, Juazeiro e Granjeiro. O objetivo da ação era desenvolver um jogo colaborativo onde fosse identificado um desafio comum e a partir de etapas vencidas chegariam ao final do jogo que era a execução do desafio identificado no início do jogo. Essa proposta foi inspirada na metodologia do Projeto Gestão nas Escolas e Programa Geração Muda Mundo da Ashoka empreendedores sociais. É importante destacar que nesse período Monica Martins que ainda era estudante de psicologia se integrou a equipe e permanece até hoje como técnica e pesquisadora das ações do GSE.

A terceira edição do GSE ocorreu entre os anos 2015 e 2016 e partiu de uma demanda da instituição para aproximação entre a universidade e o ensino médio. Houve uma ação institucionalizada a partir de uma parceria realizada com a Pró-Reitoria de Graduação, pela Coordenadoria para o Fortalecimento da Qualidade do Ensino (CFOR). Desse modo, um dos objetivos dessa ação de extensão foi favorecer um encontro entre os jovens bolsistas dos diversos programas da UFCA inspirando os jovens das escolas públicas a seguir com seu projeto de vida dentro da universidade. O objetivo era ampliar o ingresso de jovens do ensino público na universidade, para isso foi estabelecida uma conexão entre a história dos estudantes da UFCA com os jovens do ensino médio por meio de oficinas com o tema mitos e verdades sobre o processo de escolha profissional e o ingresso na universidade. O resultado foi uma ocupação de todas as vagas destinadas ao ensino público. Desde então, a UFCA seguiu com ações de aproximação com o ensino público por meio da CFOR e ações de exten-

A quarta edição aconteceu pela primeira vez numa escola rural do Crato. A nossa inserção ocorreu por meio de uma ação que já era realizada na escola chamada COM-VIDA - Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida da escola, que era composta por estudantes e docentes da comunidade. As oficinas tinham como objetivo fortalecer os vínculos dos jovens com o território. Portanto, foram realizadas rodas de conversas intergeracionais, aproximando as histórias de vidas, além do diálogo com a primeira professora e parteira da comunidade; trilhas e sentidos; oficinas de fotografias. Essas ações evidenciaram a importância da memória e do patrimônio imaterial para a os jovens daquela comunidade que atravessavam conflitos de desapropriação devido a uma obra do Governo. Um dos principais resultados foi a inserção dos jovens em um museu orgânico da comunidade, chamado Casa de Quitéria, um importante equipamento de memória e resistência contra o processo de desocupação da



comunidade. Atualmente, estamos em processo de diagnóstico e planejamento para atuarmos em escolas públicas das cidades de Tarrafas e Antonina localizadas no Cariri Oeste.

Durante esses anos, o Projeto Gestão Social nas Escolas atuou em diversos municípios e esco-

las públicas do Estado do

Ceará, estabelecendo uma ação coordenada com professores e estudantes. Nosso objetivo era fomentar estratégias de intervenção social a partir

da mobilização dos talentos e

potencialidades locais. Para isso, o diálogo entre saberes diversos foi o caminho para alcançar os objetivos da gestão social. O fato de não estar em “pares”, ou seja, construindo apenas a partir da psicologia social, me fez avançar de modo ousado. No LIEGS e na sua interdisciplinaridade, encontrei “morada” para fomentar a autonomia em jovens que não perderam a capacidade de sonhar em mudar o mundo, começando por suas próprias histórias de vida. Minha mais profunda gratidão aos jovens do GSE e bolsistas do LIEGS, que construíram essa “utopia” junto comigo.

Por que ainda continuar pesquisando?

Ives Romero Tavares do Nascimento

A razão de escrever este texto, que arrisco em fazê-lo em primeira pessoa por ser algo fora do meu hábito, se situa numa daquelas porções do nosso pensamento que nos coloca diante de reflexões muito profundas. E de tão pessoais, parecem indicar-nos que não há outra forma de fazê-lo que não via discurso direto, como se estivesse conversando diretamente com quem lê este escrito.

Isso se dá por eu ser um daqueles humanos que tem a vida pessoal muito próxima e ligada à vida profissional, e mantém esta relação tão aproximada que sente dificuldade em diferenciar o que é parte de uma e de outra. E, por isso, os pensamentos facilmente transitam entre estes dois seres que coabitam em mim.

No que toca a essa condição, que acredito compartilhar com pessoas que podem estar lendo este texto neste momento, imagino não causar espanto se afirmar que eu sou muito um cidadão-professor ou um professor-cidadão que se confunde na passagem entre esses seres. E nesse conjunto de vai-e-vens, saltam alguns pensamentos que quero aqui deixar repousados: o mundo muda muito rápido quando se fala na forma

como nós interpretamos o mundo e como nos utilizamos disso em nossa vida mais comum.

Tenho acompanhado a formação de alunos de universidade há dez anos. De lá para cá, tenho percebido algumas mudanças e, como se diz quase como um clichê, tenho aprendido muito neste processo. Não necessariamente me refiro a conteúdos formais, mas afirmo sem titubear que tenho aprendido muito sobre a vida humana, sobre o comportamento das pessoas e tenho me tornado muito mais atento e sensível a tudo o que ocorre no ambiente universitário.

Tenho percebido, dentre as muitas interpretações que construí ao longo dos anos, que o modo como as pessoas acessam o conhecimento mudou: ao largo das chamadas Tecnologias da Informação e da Comunicação, as TICs, muitos de nós passaram a acessar com mais rapidez os conteúdos que eu e meus pais (e nossas gerações) só conseguíamos nos dirigindo aos livros impressos, enciclopédias e bibliotecas. Quem não gosta de ter um telefone celular à mão e pesquisar rapidamente qualquer tipo de assunto e obter uma rápida resposta? É uma das grandes vantagens desses nossos novos tempos.

As universidades e os centros de produção de conhecimento também se beneficiam disto. À medida em que se avança nos canais de comunicação, melhora-se a forma como nós acessamos o conhecimento produzido por aquelas pessoas antes engajadas na construção de conhecimento. Diria que considero esta uma das coisas mais fascinantes da humanidade: nossa capacidade de produzir, fazer acumular e transmitir saberes às gerações seguintes. Nesse processo, a melhoria de vida daquelas pessoas que viverão depois deveria ser sempre a tônica.

Contudo, também percebo que tem havido uma associação não tão desejada a essa rapidez: o amplo e irrestrito acesso a tudo, em termos de informação, causa a sensação de que há muito a ser lido, conhecido e acessado que não há tempo para se aprofundar da forma devida. E isso tem tido claros reflexos na relação de ensino-aprendizagem nas instituições de ensino superior.

Em muitos casos, minha experiência docente tem alertado que cada vez se lê menos os materiais que fundamentam o estudo das disciplinas de uma graduação. Isso se constata quando cada vez os alunos têm demandado de docentes a utilização de material bibliográfico cada vez mais condensado, objetivo e que, em boa parte, seja virtualizado em vídeos e podcasts.


Fico até a pensar se esse não seria um choque geracional. À medida que fico mais experiente e se somam os anos de trabalho, sinto que as demandas que à minha geração foram colocadas não estariam hoje anacrônicas. Afinal, falamos numa realidade em que o ambiente social trouxe oportunidades que o meu, à época da formação num curso de graduação, não observava (mais uma vez falo no desempenho das tecnologias da informação). Mas, por outro lado, essa mesma convivência com diferentes turmas de formação

superior me diz sempre que não dá para abandonar as vantagens de um aprendizado sólido baseado no acesso a material de leitura com grande aprofundamento teórico e prático.

De toda sorte, duas percepções me chegam no meio desse dilema: a primeira é que se caminha para o distanciamento do interesse de certos alunos para a dedicação a estudos mais robustos, e a segunda vai no sentido de que a produção de conhecimento, via ciência, vai perdendo sentido no contexto em que ela já não parece ser tão necessária e vital.

Sendo assim, ainda haveria espaço para se continuar pesquisando?

A minha resposta é óbvia – sim –, mas vai além do que ela aparenta. É por meio da pesquisa científica que novos conhecimentos são produzidos e compartilhados, e isso os torna socialmente úteis. É com o uso deles que a humanidade tem a oportunidade de viver mais e melhor. Admitindo que o conhecimento científico é verificável, experimental e constrói-se na medida que sempre vai comportar uma atualização para aquilo que já se sabe, a ciência avança. Isso é sabido.



Mas o que quero mostrar é que para se fazer a boa pesquisa – confiável e útil – é preciso revestir-se de certas condutas pessoais e profissionais que deem vazão a isso. E é um alcance que a informação fugaz não possui. Assim, o ponto destes meus escritos vai no alcance indireto que a pesquisa científica concede a quem a faz.

Nas universidades, por excelência, a pesquisa é conduzida em grupos, conhecidos literalmente como grupos de pesquisa. Estes podem ser oficializados tanto pela própria instituição que os condiciona quanto pelas entidades nacionais que apoiam e fomentam a pesquisa, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq. Por meio delas, os grupos de pesquisa, quando reconhecidos, passam a ter a chancela para funcionarem e admite-se que tudo o que eles produzem é digno de ser confiável e utilizável para resolver problemas de interesse público e abrangência social.

Nos grupos de pesquisa, professores-pesquisadores geralmente assumem o protagonismo de conduzir as investigações científicas junto com outros pesquisadores, técnicos e estudantes. Passam a criar um ambiente no qual não somente viabiliza-se a técnica científica da investigação, mas também ajudam a conformar um espaço no qual novas relações humanas passam a existir e produzir efeitos tanto objetivos (as relações formais de vinculação a uma investigação, por exemplo) quanto informais (que dizem respeito ao convívio social, dentre outros).

Eu defendo algo que não é novidade: o conceito da aprendizagem social. Por ele, admite-se que muito do que nós temos como comportamentos aceitáveis são fruto da percepção de outros comportamentos também considerados admitidos num grupo social. Por exemplo: alguém que é integrado a um círculo de novas amizades percebe que naquele espaço é hábito as pessoas falarem entre si com certo grau de uso de regionalismos na linguagem. Logo, esta pessoa recém-chegada admitirá ser necessário comportar-se dessa forma, pois é o modelo que ela percebe ser o mais adequado para aquele lugar.

Nos grupos de pesquisa, isso também acontece. Quando há a integração de novos membros, em especial de novos alunos de iniciação científica, estes passam a conviver com pesquisadores, professores, técnicos e/ou outros estudantes com mais tempo de

convivência e trabalho naqueles lugares. Passam, por conseguinte, a não somente ter acesso à formação direta e objetiva de como fazer pesquisa e produzir conhecimento, mas também passam a acessar formas novas de se comportar, de se relacionar, de aprender a conviver com pessoas diferentes e a respeitar seus divergentes pontos de vista (em muitas situações). Afinal, aprende-se muito com o pensamento – e eu diria com a ação – do outro.

No bojo das atividades científicas num grupo de pesquisa, essas ações se intensificam. Os alunos convivem mais com outros membros de investigação e passam a ter novas referências de convívio criadas a partir dessas interações. Eu destacaria três oportunidades muito interessantes pelas quais se pode perceber: a primeira decorre do hábito corriqueiro do convívio propriamente dito. Tal como no exemplo anterior, um grupo de pesquisa funciona como um espaço onde as manifestações de comportamento enxergadas funcionam como novas balizas de aprendizagem: fala, gestos e demais hábitos comuns vão sendo percebidos e lidos como aqueles condizentes ao espaço formal da criação de conhecimento científico.

“ainda é importante continuarmos pesquisando.”

A segunda oportunidade diz respeito à chance de se acumular relações sociais que vão sendo ampliadas à medida que os alunos passam a integrar outros ambientes e redes de pesquisa, viabilizadas pelos grupos que fazem parte. Como geralmente o trabalho envolve-se no contexto que vai além da instituição de origem do aluno e envolve outras pessoas de outros centros de conhecimento e pesquisa, isso coloca-se como nova oportunidade de tornar-se prática de trabalho e de ação profissional permeada pelas perspectivas de comportamento de iniciativa do argumento anterior.

E, ao final, a terceira oportunidade traduz-se de modo imaterial e subjetivo: ao largo das práticas objetivas e concretas, quanto mais os alunos convivem com seus grupos e seu ambiente interno, por um lado, e com uma rede mais ampla de pesquisa e ciência, por outro lado, gradativamente vão se colocando num módulo de compreensão da realidade vivida e sequencialmente vão sendo submetidos, de modo muito vantajoso, à criação e à acumulação de novas formas de agir e pensar, que se traduzem num positivo modelo

de novos códigos de conduta e convívio social.

O que quero argumentar é que quanto mais tem-se a presença de pessoas em grupos de pesquisa, mais a elas é dada a chance de aprender como se portar num ambiente formal e objetivo de trabalho, mas, ao mesmo tempo, adquire-se novas formas de pensar e agir, na maneira em que se traduzem no aperfeiçoamento dos modos de convivência humana. Em outras palavras, o

quanto mais se é submetido ao trabalho de pesquisa e às atividades científicas, mais se tem a chance de se aperceber de maneiras mais apropriadas para o trabalho e para a vida em sociedade.

apontamento aqui colocado é que

E é neste ponto, dessa feita, que eu centralizo meu argumento de que a presença de um estudante num grupo de pesquisa gera, dentre outras conquistas, a chance de ambientar num espaço onde as questões acerca do desenvolvimento profissional parecem figurar num contexto lateral quando se consideram os ganhos pessoais para cada um deles. Coloca-se em evidência que o exercício constante da prática na pesquisa vai na rota não somente da técnica e tampouco das ações concretas e observáveis, mas alinha-se com a chance de se promover crescimento relacional

e social no decurso da convivência de alunos, professores, técnicos e demais pessoas envolvidas em grupos de pesquisa.

Dessa forma, tenho seguramente condições de afirmar, voltando ao espaço que ocupo na formação de pessoal de nível superior numa universidade brasileira, que as ações de investigação que um grupo de pesquisa desenvolve não se sustentam e não se reduzem apenas ao lado técnico de sua ação, mas promovem mudanças individuais de comportamento para aquilo que considero ser positivo: integram-se como novas condutas de ética social, comportamento e ação, na maneira em que se colocam como instrumento para uma melhor formação das pessoas no ambiente universitário.

Se isso se coloca dessa maneira, parece não ser um exagero responder enfaticamente que, afinal, ainda é importante continuarmos pesquisando. Não apenas porque decididamente se age no rumo da evolução dos saberes científicos, mas se insere em tudo aquilo que “anda” ao lado deles: o aprendizado de como se aprimorar a conduta e a convivência em sociedade, na tela da compreensão de que a ciência não está refém de novas necessidades humanas por rapidez e facilidade no acesso às informações.

Falar em pesquisa, em suma, e sem querer encerrar por aqui este assunto, é falar também que ela é um importante espaço de aprendizagem de comportamento, de ação e de civilidade que se oportuniza às pessoas que dela se fazem parte.

O passado, o presente e o futuro: Jeová Torres e os 18 anos do Liegs sob perspectiva

Entrevista concedida por Jeová Torres a Paulo Rossi, Ives Tavares, Olivia Isidório e Cristiane Porfírio

O ponteiro do relógio indicava quase 16 horas quando o professor Jeová Torres adentrou a sala do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social, o LIEGS, na UFCA, para ser entrevistado naquela tarde. Em um bate-papo na companhia de outros membros do laboratório, o professor conversou sobre o início, objetivos e metas do Liegs, que completou 18 anos em novembro de 2024. Falou também sobre vida, carreira e trabalho na Universidade, além de comentar como tem lidado com algumas importantes questões. Durante uma hora e meia, Jeová destacou o quanto o Liegs é um espaço para a troca de saberes e, com isso, permitiu-se relembrar o percurso daquela ideia que hoje é uma sólida e reconhecida construção coletiva de ensino, pesquisa, extensão e cultura.

LIEGS EM REVISTA: Jeová, qual foi a motivação inicial para a criação do LIEGS e como surgiu a ideia de fundar um laboratório interdisciplinar focado em gestão social?

JEOVÁ: Eu sempre tento evitar trazer para mim, em outras circunstâncias, o fato de ter sido aquele que teve a iniciativa, a ideia de criar o grupo. Mas eu acho que essa entrevista aqui merece que algumas coisas sejam contadas. Quando eu cheguei aqui em 2006, o que inspirou a criação do LIEGS foi o Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS), da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia. O CIAGS, que era um centro de pesquisa, não se limitava às ações de pesquisa em gestão social, também congregava outras temáticas como economia solidária, tecnologia social e gestão pública, em função dos pesquisadores que faziam parte dele. Quando

cheguei aqui em 2006, além de começar a refletir sobre a possibilidade de fazermos o encontro de pesquisadores em gestão social, que já estava sendo amadurecido ainda quando eu estava em Salvador, nós tivemos a oportunidade de criar o laboratório, e convidei uma série de outros professores que eu tinha identificado o perfil para fazer parte do LIEGS, para criar esse núcleo de extensão e grupo de pesquisa. A ideia já era pensar assim. Eu já fui com esse propósito ao campus da UFC no Cariri, hoje UFCA, de buscar pessoas de perfis, de formações de domínio de conhecimento distintos que pudessem trabalhar juntos. Naquele momento, mais efetivamente, eu diria que o professor Rogério [Masih] e a professora Virgínia [Coelho] foram os dois com quem nós trabalhamos efetivamente próximos dentro do LIEGS, que eram outros

professores do Curso de Administração da UFC no Cariri. Nós não tivemos ali, naquele início, uma ação de diversos professores distintos de outros cursos trabalhando conosco porque os outros, quando aqui chegaram, tinham a mesma ideia que eu. Eles foram montando outros grupos, se reunindo em outros grupos. Alguns cursos com mais professores, mais organizados, só da [Graduação em] Biblioteconomia, por exemplo.

A proposta do grupo é de ser um espaço em que a gente pudesse, ou possamos, efetivar aquilo que

“é importante que a sociedade reconheça o papel da universidade, reconheça a universidade.”

está no nome, no título do laboratório. Que a gente possa, de modo interdisciplinar, a partir de olhares diferentes, de domínios de conheci-

mento distintos, realizar ações de pesquisa, de extensão, na gestão social e nos seus temas afins. Nós sempre agregamos estudantes de outras instituições e de outros cursos. Meus primeiros bolsistas, por exemplo, eram estudantes de Administração e de Filosofia. E aí, metodologicamente, a gente sempre defendeu essa tese de uma não hierarquização de saber. O conhecimento que nós produziríamos aqui viria desse diálogo, desse conhecimento acadêmico com o saber produzido a partir das experiências. E também conduzimos as pesquisas a partir de projetos de extensão de modo que gerassem pesquisa com as ações de extensão que a gente desenvolvia, aproximando as ações de extensão com as ações de pesquisa. Então, esse caminho, essa interface entre as duas dimensões foram sempre muito presentes.

LIEGS EM REVISTA: Por que começar com um grupo de pesquisa? Poderia ter começado com, talvez, um núcleo de extensão, poderia ter começado com qualquer outra ação acadêmica ou universitária...

JEOVÁ: Eu sempre quis fazer as duas coisas, inspirado pelo CIAGS, nesse sentido, e pelo senso de oportunidade. Por quê? Naquela época, nós tivemos a permissão da UFC. Você cria o grupo e ele precisa ser registrado, autorizado pela instituição. E a UFC, logo que nós chegamos aqui, numa tentativa de reduzir as assimetrias, permitiu que no primeiro edital de pesquisa mestres se candidatassem e pudessem inclusive acessar as cotas de bolsas. Reconheceram os grupos liderados por mestres. Foi o meu caso.


Eu digo assim, nós não levamos uma mensagem no sentido das pessoas saberem o que é o LIEGS, o que é... Como eu digo, que elas fixem o LIEGS. Se elas fixarem que é a universidade, para nós, já é importante. Saber o que é o LIEGS e a importância que ele tem para nós importa aqui dentro. E assim, nos rende frutos que a universidade reconheça a importância do LIEGS.

Fora desse ambiente, é importante que a sociedade reconheça o papel da universidade, reconheça a universidade. Não importa se é o LIEGS, se é a ITEPS, se é quem for, entende? Claro que alguns vão dizer “ah, os meninos do LIEGS”. Já é um salto. Já é um grande salto.

LIEGS EM REVISTA: Jeová, conta um pouco sobre o que é o Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social, o LIEGS...

JEOVÁ: Então, tento apresentar de uma maneira que se possa compreender qual o significado da gente estar ali, o que é esse Laboratório, porque até dentro da própria universidade, quando a gente fala em laboratório, as pessoas só pensam em laboratório de saneamento, de recursos hídricos e não reconhecem que o LIEGS e os outros todos daqui do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) são laboratórios também para as pessoas comuns que podem também refletir o que é um laboratório, como a gente pensa um laboratório que é análise clínica. É o mesmo espaço, só que aqui o que fazemos são estudos sobre as organizações, principalmente as organizações, as associações, as cooperativas, os empreendimentos, os projetos sociais, as práticas democráticas, as práticas de participação nas organizações, a economia solidária, as trocas feitas em uma dinâmica que não seja capitalista, somente mercantil, e, a partir daqui, a gente também leva para a comunidade ações e lá nós refletimos com essa comunidade. Quando a gente fala do [Projeto] Gestão Social nas Escolas, por exemplo, a gente vai às escolas trabalhar com os jovens esses temas discutidos na universidade, mas que eles também nos ajudam a repensar o próprio projeto. Foi um projeto que a gente pensou de um jeito, mas ele evoluiu a partir do diálogo com a diretora, com os professores, e se a gente pensar com outros projetos, é a mesma coisa.

O LIEGS tem uma particularidade que eu posso falar, que muitos grupos aqui não têm: ele não tem um dono. O LIEGS já teve vários coordenadores. E [é] assim: se ele acabar, vai acabar, como qualquer organização que nasce tendendo ao fim. A gente trabalha para evitar isso, e não sou eu perpetuando-me numa coordenação, como [acontece na criação dos] meus filhos, eu espero que eles também sigam na vida e possam ter autonomia e eles vão decidir as coisas, fazer, errar e acertar, com o LIEGS também é assim. Eu apenas fui aquele que iniciei e, graças a Deus, outras pessoas se aproximaram e quiseram tocar. A gente espera que outros professores venham se juntar a nós. A ideia é pra que outros possam aderir.



LIEGS EM REVISTA: Como os objetivos do LIEGS se alinham com as necessidades da comunidade do Cariri?

JEOVÁ: A primeira coisa é a gente ver dentro daquilo que nós somos capazes, dos nossos temas de interesse a gente perceber o que o grupo, o Laboratório, é capaz de fazer. Mas não é algo que a gente proponha deslocado da realidade, porque não adiantaria nós termos um grupo de pessoas que possam se considerar competentes em algumas áreas de conhecimento, se o que a gente tem para oferecer não tiver um território propício para que a gente possa desenvolver, colocar esse conhecimento em ação. Então, essa é a primeira frente.

A outra é no momento que a gente sabe que há um espaço no território, um território muito rico, o território do Cariri, isso proporciona que o LIEGS faça tudo o que ele é capaz de fazer, a partir das competências das pessoas que passaram por aqui.

**É um casamento,
do que a gente pode,
do conhecimento que tem aqui
e o que o território demanda.**

Ele foi mais economia solidária, depois foi mais gestão social, depois foi mais economia criativa, depois foi mais desenvolvimento territorial. É até interessante: o laboratório é aqui, mas é lá. O local é, na prática, onde a gente vai fazer, vai trocar, vamos dizer assim, onde os saberes dialogam. Então, os objetivos do LIEGS em relação ao território, os nossos objetivos, os propósitos do LIEG são pensados em função das competências que a gente tem e da capacidade da abertura que o território permite, proporciona para aquelas competências que nós temos. E que de tempos em tempos, em função das circunstâncias, dos contextos. E quando eu digo contexto, é quando um tema está mais em voga, ou mais na moda, ou o governo financia mais, ou nós temos mais gente disponível para isso. Não é uma competição. E não tentar criar obstáculos. Isso se provou que foi uma estratégia boa porque a gente só conta com quem a gente tem pra fazer as coisas e aos poucos tenta atrair outros para que venham para o grupo e os resultados estão aí, aparecendo.

LIEGS EM REVISTA: Como o LIEGS define gestão social e quais as diferenças mais marcantes em relação à gestão estratégica empresarial tradicional?

JEOVÁ: Como eu disse: ele nasce inspirado pelo CIAGS. No início, a abordagem da gestão social, que nomeia o grupo, não tinha uma clareza. Como no próprio momento de criação, tinham algumas correntes importantes de abordagens da gestão social, mas, talvez, naquele momento a força que tinha a compreensão da gestão social em torno da gestão das organizações que atuam no campo social, aquela gestão aplicada mais em função dos fins das organizações, ou seja, gestão pública, gestão estratégica, das organizações privadas, gestão social, talvez ganhou o contorno inicial do LIEGS, uma visão inicial da percepção do conceito.

Mas, já a partir de 2007 mesmo, com o Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social (ENAPEGS) aqui, havia, eu tenho muita tranquilidade de dizer isso, uma compreensão clara. Em 2008, acho que fica mais evidente isso de que as pessoas que vinham pesquisando e que tinham aporte teórico mais consequente sobre a gestão social era o grupo do professor Fernando Tenório e houve uma adesão. A partir daí o LIEGS claramente se fixou na sua linha de entendimento da gestão social muito próximo àquilo que é a abordagem desse grupo. Que também aprimorou a percepção da gestão social caminhando nessa linha do fim para o processo, de que não é simplesmente o tipo organizacional que define qual é o modo de gestão, mas a forma como a gestão acontece, se dá. Naturalmente, é mais possível encontrar práticas de gestão dialógicas que valorizem a participação, a deliberação, a tomada de decisão engajada e auto compreendida, que fomente a emancipação como fim do indivíduo, eu acho que isso, enquanto definição ideal, faz muito mais sentido para pensar a gestão social. E vejo que as ações desenvolvidas pelo LIEGS, no âmbito da gestão social, encontram coerência com essa tese. Então, acho que o grupo tem afinidade por essa visão, essa coerência que nos une: a gestão social é estratégica. E nós entendemos que ela é a estratégia para se alcançar ou se fomentar, estimular a emancipação do indivíduo ou o engajamento na esfera pública, essa é a estratégia.

Mas se a gente usar essa ideia de gestão estratégica como aquela gestão de práticas utilitárias, do cálculo utilitário, das consequências da gestão estratégica das organizações empresariais, mercantis, da gestão estimulada pela sociedade centrada no mercado, o que a gente procura praticar no LIEGS, em nossas ações, em nossos projetos, em

nossas pesquisas, é o oposto.

LIEGS EM REVISTA: Seria esse um reflexo que se vê, por exemplo, nas linhas de pesquisa do LIEGS enquanto um grupo de pesquisa e nas ações de formação em geral? Ou as linhas de pesquisa, por exemplo, são reflexo ou tentam refletir alguma outra intenção em termos de estabelecimento de alguma marca, posição que o LIEGS quis, quer assumir?

JEOVÁ: As linhas têm que refletir as competências. As linhas são os grupos dentro dos grupos, os temas principais que enquanto um grupo de pesquisa nós vamos trabalhar e que aglutinam, reúnem um conjunto de professores, de estudantes, de técnicos. Então, nesse sentido, a primeira coisa é isso: os professores vão se aglutinar, se aproximar, se reunir em torno de temas que eles têm afinidade, capacidade ou interesse em começar a pesquisar a partir disso e desenvolver ações. As linhas, ao longo do tempo, também se ajustam ao contexto, ao que o campo demanda, porque a linha de pesquisa de economia solidária, no começo ela era economia solidária, hoje é economia plural, que é mais ampla e permite outros níveis de estudar, outras economias, outras manifestações, outros princípios econômicos. Então, também vai se adequando à realidade do contexto nacional, local e internacional. O braço de pesquisa do LIEGS, diferente da extensão, porque a extensão é local por excelência, é fazer mais que isso, ir além disso. A obrigação da pesquisa é estar na sociedade e na comunidade local. Mas tem muitas ações nossas que têm alcance nacional. Pesquisa, ela não tem limite. O limite é a nossa capacidade de fazer rede, ou é a nossa rede, até o tamanho da nossa rede. À medida que você vai ampliando essa rede a pesquisa vai indo longe. A partir do momento que um viajante de Marte fizer o primeiro contato o LIEGS vai também tentar fazer contato com ele para que a gente possa fazer estudos comparativos lá, né? Por enquanto, só dá para fazer na Terra.



LIEGS EM REVISTA: Como a compreensão de tudo aquilo que é colocado em prática, em termos de economia solidária, inovação, gestão social e tecnologias sociais foi, tematicamente, definindo as ações do LIEGS, em extensão e pesquisa?

JEOVÁ: Tem gente que trabalhava com a economia solidária já aqui antes. Mas eu sabia de maneira específica qual era o meu lugar, o conhecimento que eu trazia e, mais que isso, a abordagem diferente de interpretar a economia solidária que eu trazia, que não era a mesma. Falei da economia solidária, mesmo da economia solidária, para que a gente pudesse avançar esses conceitos, esses temas e o trabalho inicial em torno de ação de extensão. As primeiras ações eram de formação, eram de levar o diálogo sobre assuntos, sejam os cursos de formação básica que a gente fez lá com o Centro Cultural Banco do Nordeste ou as atividades de formação em gestão social no curso de especialização que a gente teve aqui. Projetos que vieram depois. Esse projeto de formação ajudou os estudantes, bolsistas, e gente de fora daqui da universidade. E na outra linha a gente começava a trabalhar os projetos. A incubadora [a ITEPS] foi criada nessa época em economia solidária, o gestão social nas escolas. Esses projetos todos não são desarticulados, há uma amarração entre o que a gente vai propondo de projeto. Ela tem uma outra linha que segue junto, em que a gente meio que prepara a plateia para a peça que vem depois. Os nossos projetos, eles têm uma base, eu acho que dá para dizer isso, então a extensão realizada no LIEGS não é simplesmente dissociada, ela sempre tem uma base de formação que é realizada antes ou simultânea. Acho que isso ajuda a alimentar os bolsistas ou as pessoas que estão no campo sobre o que a gente está querendo fazer e quais são os temas que a gente trabalha.

LIEGS EM REVISTA: Para além de marcas quantitativas, o quê de qualitativo o LIEGS pode ter de resultado em 18 anos?

JEOVÁ: Eu enxergo as pessoas que passaram pelas trocas, a contribuição que demos a elas, quando olhamos para onde foram, onde estão. É um espaço de formação. Mais do que os projetos que a gente faz fora, de extensão, os projetos de pesquisa, aqui é um ambiente de formação interna. E eu sei que o que muita gente alcançou, a carreira dessa pessoa, ela pode nem falar sobre isso, mas dependeu muito do que ela fez quando estava aqui, pelas oportunidades que teve, da gente impulsionar. Nós cobramos muito, forte, mas se a pessoa suportar esse nível de cobrança, passando por aqui eu acho que pra ela, pra um monte de gente que aqui passou, o que o LIEGS tem que a gente não contabiliza quantidade de projeto, quantidade de curso, quantidade de formação, é o que ele deixa para as pessoas em termos de ambiente.



Por que eu acho que o que o grupo tem aqui é de ser um bom ambiente. O que deixa de legado principal é isso, é ser um bom ambiente para as pessoas trabalharem, para as pessoas estudarem e a gente não castra as pessoas com o que elas pensam. Acho que a gente tenta dar a oportunidade para que elas possam desenvolver-se e crescer profissionalmente, pessoalmente, aqui. Elas vão ser cobradas a pensar. Isso sim. É esse espaço aqui. Pode pensar, pode trazer, pode refletir. Tem formas diferentes de estimular os talentos diferentes de cada um para ver a pessoa feliz, a pessoa crescendo.



LIEGS EM REVISTA: E o futuro? O que se deseja alcançar ainda para o LIEGS?

JEOVÁ:

Atrair outros professores e estudantes, para integrar e propor novas ações. Mas que viessem pro LIEGS, não dá mais pra gente trazer pessoas que estão em mais um ou dois grupos, não adianta: a gente já viveu essa experiência. Eu gostaria, se eu tivesse de dizer particularmente, o mesmo impulso de extensão que o LIEGS foi no passado. A gente era muito forte, muito grande em extensão e caminhava com a pesquisa. Eu acho que essa nova temporada, esses novos episódios serão de a gente muito mais forte em pesquisa mesmo. A extensão vai ser projetos que vão acontecer, formações e ações mais pontuais. É uma evolução natural da carreira.



BIOGRAFIAS



Adrieli Targino Silva

Aluna do Curso de Administração Pública e Gestão Social da Universidade Federal do Cariri. Membro do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/UFCA).

adrieli.targino@aluno.ufca.edu.br



Amanda Freitas Arrais

Estudante do curso de Jornalismo (IISCA/UFCA, Brasil). Ex-bolsista do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/CCSA/UFCA). Estagiária de comunicação.

amanda.arrais@aluno.ufca.edu.br



Arthur Antunes Fernandes de Macedo

Graduando em Administração Pública e Gestão Social. Bolsista de Extensão e Pesquisa do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (Liegs/CCSA/UFCA).

arthur.macedo@aluno.ufca.edu.br



Cristiane Porfírio Vilar de Sousa

Mestranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Cariri (PPGA - UFCA). Pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (Liegs/CCSA/UFCA).

cristiane.porfirio@aluno.ufca.edu.br



Ives Romero Tavares do Nascimento

Doutor em Administração (2023). Professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri (CCSA/UFCA, Brasil). Investigador do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (Liegs/CCSA/UFCA).

ives.tavares@ufca.edu.br



Jeová Torres Silva Júnior

Doutor em Administração. Professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri (CCSA/UFCA, Brasil). Pesquisador do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (Liegs/CCSA/UFCA). Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia (PDGS/EA/UFBA).

jeova.torres@ufca.edu.br



João Antônio Rodrigues Pereira

Discente do terceiro ano do Ensino Médio da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Antônio Mota (EEMTI ANTÔNIO MOTA). Bolsista do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/UFCA).

antoniorp1223@gmail.com



Maria Hellen Santana Pereira

Aluna do Curso de Administração Pública e Gestão Social da Universidade Federal do Cariri. Membro do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/UFCA).

maria.hellen@aluno.ufca.edu.br



Paulo Rossi Cavalcanti

Jornalista formado pela Universidade Federal do Cariri - UFCA (2023). Bolsista técnico pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) no Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/CCSA/UFCA).

paulorossicavalcanti@gmail.com



Waléria Maria Menezes de Moraes Alencar

Doutora em Desenvolvimento Regional Sustentável. Professora no Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri (CCSA/UFCA, Brasil). Investigadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/CCSA/UFCA).

waleria.menezes@ufca.edu.br



Luiz Felipe de Sousa Fideles

Graduando em Administração Pública e Gestão Social (CCSA/UFCA). Bolsista do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/CCSA/UFCA).

felipe.fideles@aluno.ufca.edu.br



Olivia Isidório Lopes

Aluna do Curso de Design, na Universidade Federal do Cariri (IISCA/UFCA). Bolsista do projeto de cultura: O Liegs nas mídias da cultura: divulgando conhecimento a partir de uma pesquisa sobre descentralização; do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/CCSA/UFCA).

isidorio.olivia@aluno.ufca.edu.br



Ramilis Rodrigues Chaves

Graduanda do curso de Administração Pública e Gestão Social. Bolsista do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/CCSA/UFCA).

Bolsista do Grupo de Análise e Avaliação de Políticas Públicas (GAAP/CCSA/UFCA).

ramilis.chaves@aluno.ufca.edu.br

